



N.º 71 - LISBÔA, 19 DE MAIO

2.
ANO
1934

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois d' publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros. 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros. 500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio. 100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros. . 1\$500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 53 e 54

FIGURAS D'URSO



— Quem me dera ser o Japão!... Uma potencia de 1.º ordem!...

Pôr escriptos

Querido amigo

A vida é um horror!

Imagina que puz hoje escriptos.

Logo pela manhã, minha mulher veio dizer-me á cama:—Levanta-te! Olha que já ahí estiveram a ver a casa.

Eu não tenho o habito de me levantar cedo. A manhã aterra-me com a sua luz excessiva que me entra pelos olhos como lanças e com a inferneira dos seus pregões e dos seus repiques de sinos. Além d'isso, a manhã é a hora da desordem domestica, das campainhadas, das vassouradas, do accender do lume, do vestir das creanças, do receber o pão e não ha nada menos remançoso do que o lar, n'esses momentos de instabilidade. Quando me levanto ao romper das onze, a minha casa está nos seus eixos: minha mulher tem um semblante viçoso, os meus queridos filhos tem abalado para o collegio com os seus lunches, os meus moveis estão no seu sitio, a minha rua está silenciosa, a campainha da minha porta emfim repousa. Entro na vida com doçura.

Hoje, não tinham ainda dado as dez já estava a pé—e logo começou o meu tormento.

Tu sabes o que é a gente sentir-se sem domicilio, sem tecto, sem portas, sem janellas, ao ar livre, na rua? Pois bem! Foi'o que eu senti.

Ainda estava em camisa de noite, entediado e amuado, a ruminar á beira da cama, quando um pequeno que acompanhava umas senhoras que tinham vindo ver a casa, abriu a porta do meu quarto. As senhoras metteram após elle o nariz, surprenderam-me n'este traço summario, soltaram um grito e recuaram espavoridas; minha mulher accorreu, houve ralhos, o pequeno desatou a berrar e eu fiquei um momento a olhar para a porta, cheio de vergonha e de irresolução.

Deixei assim passar algum tempo e quando me suppunha livre d'esses intrusos, enfiei pelo corredor, caminho da minha casa de banho, por onde habitualmente costumou fazer uma curta estancia, antes de proceder á minha *toilette*; mas ainda não tinha dado dois passos, vejo outra vez o pequeno e, atraz d'elle, as senhoras. Recuo precipitadamente e entro de novo *en coup de vent* no meu quarto, fechando-me por dentro. Todo o meu cuidado é se me terão visto. Finalmente lá consigo enfiar-me na casa de banho, as duas damas e o seu pequeno abandonam o meu do-

micilio e eu goso alguns momentos de repouso, n'esse recinto propicio á solidão, á hygiene e á leitura. Mas que pensas tu?—Foi um trabalho para sair da minha casa de banho! Quando me dispunha a passar para o meu quarto, tocam de novo á campainha, de novo ouço vozes, compreendo que se vae reproduzir a scena de ha pouco, e aqui me tens, da banda de dentro, de mão no fecho, contendo a respiração e esperando que esses novos intrusos deixem a minha casa.—A minha casa! No entanto, o silencio restabelece-se, abro a porta, espreito para o corredor e vou sair, quando ouço a voz de minha mulher—Por aqui! por aqui! E' a minha casa que ainda está em estado de sitio. Fecho-me outra vez por dentro, apuro o ouvido, espero ainda um bom pedaço, abro a porta, vou esgueirar-me para o corredor, mas a campainha retine novamente, minha mulher accorre alvoroçada—Não saias agora! Não saias agora! eu recuo, volto para o meu refugio, fecho-me outra vez por dentro e aqui me tens tu, querido amigo, escondido em minha casa, prisioneiro em minha casa!

Já viste uma situação assim! Quando me encontrei vestido, respirei. Recuperava a liberdade! Fomos para a mesa; mas ainda não tinhamos encetado as sardinhas—eu adoro as sardinhas frescas—nova campainhada.

—São umas senhoras que desejam ver a casa.

—Que entrem! repliquei eu resumindo o commando do meu lar.

As senhoras andaram lá por dentro um pedaço.

—Demoram se!... disse eu já impaciente.

—Estão a tomar as medidas á sala.

Enguli este facto como uma affronta e ia-me engasgando com uma espinha, quando ouvi dizer:

—Credo! Que peste a sardinha!

E' preciso, querido amigo, ser stoico, cre' tu, para simplesmente—pôr escriptos, porque pôr escriptos, eu t'o juro, é uma provação. Pôr escriptos é uma das fórmãs da adversidade.

Fui stoico. Embezerrado, o nariz no prato, deixei entrar na minha casa de jantar esses dois desconhecidos, ouvi as suas vozes irritantes erguerem-se com insolencia no recato e na santidade do meu lar, vi os seus olhos indiscretos vasculharem o mysterio da minha intimidade. E calei, recalquei, traguei.

Entretanto a casa não se alugava. Todos lhe punham defeitos e deixame dizer-t'o, pôr defeitos na casa em que habitamos, mesma quando ella não é nossa, é o quer que seja que vagamente nos offende. Durante esse longo dia eu tive de curvar-me, baixar a cabeça, quasi envergonhar-me,

humilhar-me quasi diante de toda a gente que passou pelo meu lar e o maltratou. Uma creatura hedionda teve o impudor de me dizer na minha casa que a minha cosinha cheirava mal. A minha cosinha alegre e balsamica, toda cheia dos trinados dos meus canarios e do aroma dos meus pitéos! A minha cosinha um primor de asseio, onde Madame d'Estournelles, ella propria, não desdenharia guisar!

E ouvi eu isto! Se eu te digo que tudo, tudo soffri!

Outra recriminou-me a renda, que qualificou de revoltante abuso. Em vão lhe procurei fazer comprehender que a renda não estava nas minhas attribuições. Saiu como uma furia. Por volta das duas horas, juntaram-se em minha casa duas familias que se conheciam. Sentaram-se nas minhas cadeiras, experimentaram o piano, pediram copos d'agua. Mais tarde veio um sujeito só, que fui apanhar a fazer d'olho á minha *bonne*. Uma senhora de idade acompanhada de uma menina nova, tanto se fatigou com o subir da escada, que teve uma suffocação na minha sala de visitas. Foi preciso leval-a para a cama de minha mulher. Por um triz não me ficava em casa. Um drama!

E' noite.

E' noite—pensa n'isto!—e a casa não se alugou.

Os tapetes estão sujos, os oleados cheios de terra, as coisas fóra do seu logar e pairam no ar os cheiros de toda essa gente que aqui entrou. Tenho a impressão de que pelo meu lar passou um furacão de desgraça e de que eu proprio não sou mais do que um triste despojo no torvelinho d'essa catastrophe.

Recados nossos e compungidos abraços do teu

fiel

JOÃO RIMANSO.



Innocencia

Oh! Innocencia d'entre as coisas puras
Sempre fulguras com divino dom;
E's como a flor que no jardim despona
Da brisa tonta ao agradável som!

O teu suave, perfumado aroma
Vence o de Roma, que é de incenso fino
Aquelle incenso que acarreta bullas,
Que não são nullas, mas manna divino!

Toda a menina, que tiver prudencia,
Erga á Innocencia sacrosanto altar;
E se ella d'isto se esquecer um dia,
Temos folia... que não sei contar!

Oh! Innocencia, que eu aqui registro,
D'um bom ministro o apaganço és tu:
Graças a Deus, no nacional cortiço,
Nós temos d'isso... a parecer bfoju!

STANLEY

Morreu Stanley.

Não é uma novidade. Rigorosamente é mesmo uma noticia velha. Mas que fazer? Nós não podemos apparecer no dia seguinte de todos os acontecimentos; e, por outro lado, ha acontecimentos que não podemos omitir, por muito que envelheçam.

A morte de Stanley, pertence a este numero.

Para nós, Stanley representa com effeito alguma coisa mais do que o jornalista, o aventureiro, o explorador, o *struggle for lifeur*, tornado celebre pelas suas lanchas em Africa, recebido pelas Sociedades de Geographia, commanditado pelos reis, entrevistado pela imprensa dos dois mundos, popularisado pelo *Jornal de Viagens*.

Para nós Stanley representa a Inglaterra, não velha alliada, mas velha inimiga.

Sabemos todos como as nossas relações com a Grã-Bretanha se tornaram benignas, graças ao advento ao throno inglez d'esse velho *viveur*, apaziguador e bom homem que é o rei Eduardo. Com Eduardo VII, a Inglaterra deu tregoas ao espirito de conquista e, emquanto elle viver, é de suppor que os inglezes se contentem com o que tem, que é já metade do planeta.

Certo, nós respondemos ás boas disposições da Grã-Bretanha com disposições igualmente excellentes. Nós não ambicionamos nenhuma das suas colonias e facilitamos lhe o seu trafico com as nossas. Empréstamos-lhe Lagos, Lisboa, os Açores e levamos o nosso espirito de accordo com o nosso alliado até nos munirmos de armas de guerra eguaes ás suas, para o caso de uma lucta em que ambos tenhamos de tomar parte, como em Aljubarrota contra os hespanhoes e como no Bussaco contra os francezes.

Estes factos, porém, não impedem que as nossas relações com a Inglaterra não tenham sido mais de uma vez conflictuosas e que anteriormente ao advento do rei Eduardo, a opinião dos inglezes a nosso respeito nem sempre fosse benevola.

Sem nos referirmos ao juizo, já hoje classico, de Byron, que nos rejeitou para o bando dos povos escravizados (*poor palty slaves*) e ainda para o da inglez anonymo de que falla José Liberato, que nos relegou para a categoria dos povos embrutecidos (*set of dunkeys*), frequentemente tivemos occasião de verificar senão a anti-pathia, a animosidade dos inglezes, na sua imprensa, nos seus escriptos, na voz dos seus grandes homens.

N'uma palavra, nem tudo tem sido rosas nas relações de Portugal com a Inglaterra.

A esse periodo, a que chamaremos espinhoso, visto estarmos com este *simile* entre mãos, pertenceu Jacob Bright, pertenceu Salisbury, pertenceu Stanley.

Morreu Jacob Bright, morreu Salisbury, morreu Stanley. Seja-nos licito depor sobre estes mortos illustres uma palavra de paz e de olvido:

AOS MORTOS

AS NAÇÕES MORIBUNDAS



A eterna pedrinha

Pedem melhora de soldo
Os do militar serviço;
E o pobre do Zé Bértholdo
E' quem ha de pagar isso.

Os padres de c'róa aberta
No telhado do toutico,
Querem ter melhor offerta,
E trabalham por ter isso.

Os que nos vendem na tenda
Arroz, bacalhau, chouriço,
Querem vêr crescer a renda
Sem que o Zé ralhe por isso.

O senhorio que aluga
Um miseravel cortiço,
E' do pobre sanguesuga,
Mas ganha muito com isso.

O governo, que quer cobres
Para festança de enguiço,
Pede tributos a pobres
Que não podem pagar isso.

Disse um, que de Aveiro é,
Com cara de espantadiço,
Que ha de ouvir dizer ao Zé:
—«Eu não quero pagar isso!»

Tudo rosna, tudo guincha,
Tudo em pagar é remisso!...
Este coio é da pedrinha,
E não passa de ser isso.



Cidade de marmore...

O governador civil de Lisboa sr. conde de Sabrosa, tem dado ultimamente terminantes ordens á policia para reprimir a mendicidade nas ruas.

Efectivamente, diz um jornal, já não se vê esse enxame de pobres, que constantemente apoquentavam os transeuntes, quer nas ruas quer nos estabelecimentos, e que poderia fazer crêr aos olhos dos estrangeiros que Lisboa era uma cidade de famintos.

Graças sejam dadas ao sr. conde de Sabrosa!

A miseria deshonra as cidades, como os passcios sujos e as casas por cair.

SURPREZAS E CONCLUSÕES

Como se sabe e como noticiamos, acaba de verificar-se que o almirante japonex Togo é descendente de Vasco da Gama e que o extincto almirante Makaroff era primo do sr. Polycarpo Anjos.

Pois bem! Não ficamos por aqui e os jornaes annunciam que se finou em S. Petersburgo a princeza Carolina Mestchersky, cunhada—de quem?

Do dr. Curry Cabral!

Até aqui, o unico portuguez ricamente aparentado no estrangeiro era o sr. João Franco, mas ao seu parentesco com os Palaviccini já nós estavamos habituados. Os Palaviccini, por assim dizer, já eram da casa. Não eram os Palaviccini da Italia: eram os Palaviccini do Fundão, os Palaviccini do Alcaide—regeneradores liberaes.

Estes parentescos novos desconcertam n'os, e nós começamos a crer que não somos uma nação, mas uma salada... russa.

O que principalmente nos intriga é que só agora saibamos estas coisas.

Pois quê? O sr. Polycarpo Anjos é primo do almirante Makharoff, o sr. dr. Curry Cabral é cunhado da princeza Mestchersky e tem estado calados com isto?

Por outro lado, como foram elles buscar estes parentescos illustres e como se pôde estar em Portugal, ter um escriptorio de commissões na rua da Prata, um consultorio medico na rua do Ouro e ser ao mesmo tempo primo do almirante Makharoff e cunhado da princeza Mestchersky?

Agora que estes factos nos foram revelados, nós começamos a duvidar que pessoas como o sr. Anjos e o sr. Curry Cabral sejam dos nossos.

Não! O sr. Polycarpo Anjos, o sr. Curry Cabral, não são personagens nossos: são personagens da *Fedore*.



Autoridade

A empresa da praça de touros do Porto mandou ao sr. Jayme Henriques, seu representante em Lisboa, o seguinte telegramma:

PORTO, 13. — Represente a empresa no funeral de Fernando. Depoinha corôa de flores. Dê pesames á familia. — *Empresa Pereira Reis & C.^a*

Não é um telegramma: é uma ordem de marcha.

— Dia 20!... Toca a pôr escriptos!



RAPHAEL BORGALHO PIMENTA

Philosophia do vagabundo

IDYLLIO ELEITORAL

A MASCOTTE



A Mascotte :

Eu amo os teus carneiros

Pippo :

Eu amo os teus perús

A Mascotte :

Quando elles fazem glú, glú, glú

Pippo :

Quando elles fazem mé... mé... mé

Os dois | Glu, glu, glu.
| Mééé... mé... mé.

As surpresas da guerra

Dizem de Sevilha que o rei de Hespanha visitou os quartéis e o parque de artilheria, onde esteve fazendo exercicios de tiro com um minusculo canhão systema Schneider, que lhe foi offerecido e vale 25:000 pesetas.

Não é um canhão: é um brinquedo.

Por estas e outras é que certas nações, ao experimentarem o seu armamento, não ganham para surpresas.

Apontam ao inimigo, disparam e quando vão a vêr, o que os canhões tem dentro não são balas: são péras doces.

Assim succedeu em Cavite.

**Aqui jazem...**

Vae-se construir em Lisboa, por subscrição, um templo á Immaculada Conceição e a commissão encarregada de angariar os donativos annuncia que «as pessoas que concorrerem para a construcção com quantia não inferior a cem mil réis, terão direito á inscripção do seu nome, em lapide de marmore, que será collocada no interior do mesmo templo».

Além do nome do subscriptor, a referida lapide conterà mais os seguintes dizeres:

AQUI JAZEM
CEM MIL RÉIS
ORAE POR ELLES!

**o perigo amarello**

Segundo parece, a côr da moda este anno, será o amarello, e os jornaes de modas annunciam que os tecidos d'esta côr se distinguirão principalmente por serem muito caros.

Ora aqui está o verdadeiro — perigo amarello.

**Paz**

Reune hoje a Liga da Paz, na Associação dos Lojistas.
Ordem do dia: a guerra.

Russia e Japão

Emquanto os japonezes não mostraram a sua superioridade nas artes da guerra, a sua civilisação foi posta em duvida. Agora que a mostraram, não só não se duvida que elles estejam civilisados, como se afirma já que o estão muito mais do que nós todos, meridionaes e septentrionaes da Europa.

Mais do que nós, occidtaes, com certeza o estão.

«O povo japonex — escreve o *Diario de Noticias* — considerava as letras privilegio das chamadas classes superiores e descurava-as por completo. O analfabetismo, até á data da revolução de 1868, era o estado geral das populações japonezas».

Este é o nosso estado geral, ainda hoje, não porque não tenhamos tido revoluções, mas porque as nossas revoluções não nos ensinam a lêr. — No Japão é isto que se vê. Nós, quanto mais revolucionarios mais analfabetos.

Já se disse que quem venceu em Sédan foi o mestre-escola.

E' tambem o mestre-escola quem está vencendo no Japão.

Entre nós o mestre-escola tambem vence.

Vence o ordenado. — Quando lh'o pagam.

Calculo errado

Quando essa Russia guerreira
Foi contra os da loiça sua,
Disse logo a Europa inteira:
— Lá se tomba a cantareira
E não fica uma terrina!

Disse o nosso Portugal,
Bom velhote compassivo,
N'outros tempos marcial:
— Temos derrota geral,
Nem um japão fica vivo!

Entram no campo de Marte,
Vão provar bravuras suas,
Dar gloria ao seu estandarte...
Mas a Russia perde parte
Das suas ricas falúas!

A Russia não estremece,
Confia no seu valor,
Levanta ao céu uma prece;
Mas Deus faz, ao que parece,
Ouvidos de mercador!

Se o juizo me não mente
E o bruxedo não me engana,
Tem que vêr a branca gente
N'essas paragens do Oriente
Açogue de carne humana!

Isto, quando a medicina
(No caso não se galhofe)
Ande n'uma dirandina
Para fazer a chacina
Dos taes microbios do bofe!...

Depois do que estou a vêr,
Digo, em surdina, cá eu:
— Há pol'ra sem fumo a arder,
Torpedeiros a vsler,
Mas não ha raios no céu!...



O theatro D. Amelia é tira mão, enfia dedo.

Hontem Racine, hoje *Agua, Azucarillos e Aguardiente*. Hontem, a *Nuit d'Octobre*, hoje o tango del Morrongo.

Aquillo não é um theatro: — é um cinematographo.

Naturalmente vieram bailarinas, e ha lá uma, segundo parece, de costa acima. Referindo o entusiasmo do publico, um jornal diz: «Quando Pastora Imperio (assim se chama a bailarina) acabou de dançar, caiu o mundo».

Quer dizer: foi a queda do Imperio.

A critica de theatro campeia infrene.

Isto, de um jornal da manhã, estabelecendo o entusiasmo do publico da zarzuella e o entusiasmo do publico da Bartet:

«N'este mesmo logar ainda ha pouco noticiámos o successo da Bartet; pois creia o leitor que o entusiasmo do publico de hontem excedeu em muito todas as manifestações feitas á grande actriz franceza. E isto explica-se facilmente. Que queremos? O que nos divirta: essa é que é a arte, segundo se diz na *Zazá*, opinião que, bem considerada, não deixa de ser razoavel».

Muito razoavel. Tão razoavel que a Arte não está mesmo ainda bem definida. A Arte não é tal um resumo da Natureza feito pela imaginação; a Arte não é tal, como tantos affirmam, a vida atravez dos temperamentos. O que a Arte é — é uma boa barrigada de riso.

**Rochefort**

O nos o amigo Xavier de Carvalho transmite de Paris ao *Seculo* esta opinião de Guerra Junqueiro ácerca de Rochefort:

«E' um velho patbaço desdentado».

E' desdentado, mas ainda morde com os dentes postigos.



— Fazer-me enterrar com padres, eu? Livre pensador?! Nunca! E as minhas convicções? Civilmente, não me é possível, por causa da familia. Que diabo faria Você no meu caso?
— Olhe! Eu não me deixava enter-
rar.



LIVRO PROIBIDO

Fialho, Gomes & Penteado
(Profecias, farças & sandices... muitas)

Alfredo José de Oliveira

Móveis, estofos e outros artigos da sua especialidade, tudo por preços modicos, tapete de Bruxellas de 1.ª qualidade por preços muito baratos. Rua do Loreto, 15 e 17.

CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia
José Nunes dos Santos
Successor de MANUEL DA SILVA
N.º telephónico 229—Endereço telegraphico Papelytypo
PAPELARIA **TYPOGRAPHIA**
Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.
Trabalhos typographicos em todos os generos.
Impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.
Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gaveas, 69
LISBOA

Ourivesaria e Relojoaria
com officina anexa
de fabrico e
conceitos
FLORINDO
JOIAS
COM
bilhantes
PREÇOS
Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

Goarmon & C.ª

Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos.
Azulejos em Faiança e Cartão.
Tijollos em Cimento.
Telha e Escama vidrada.
Quadros e ornatos para Chalets.
21—T. do Corpo Santo—Lisboa
Catalogos sob requisição

Stores de junco

Fazem-se com lindos desenhos e em todas as larguras e p r preços sem competencia, e esteiras para salas e quartos, tudo com a maxima perfeição. Encarrega-se de encomendas para a provincia e estrangeiro. Rua de Alecrim, 107.

FATOS em Paletot de 45000 a 250000
FATOS em Frak de 120000 a 320000
FATOS em Sobrecasaca de 160000 a 350000
FATOS em Casaca de 200000 a 360000
na Casa das thesoureas
51—Rua da Escola Polytechnica—55
JOSE CLEMENTE

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã às 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

ORTHOPEDIA
CASA ESPECIAL DE FUNDAS
e aparelhos orthopedicos
DE **MANOEL MARTINS**
FORNECEDOR DOS HOSPIAES CIVIS, CASAS
DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,
ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
184, Rua da Magdalena, 154-A
(Antiga CALÇADA DO CALDAS,
PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA)
LISBOA

Taboletas
Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio Luso 44, 43

EXPOSIÇÃO DE CANDIEIROS

O grande armazem de candieiros da
José de Oliveira & Barros
NO
21, 22, Largo de S. Domingos, 23, 24
inaugurou já as novas dependencias com uma magnifica exposição de artigos da sua especialidade, taes como:

- Candieiros e lustres para gaz, petroleo, azeite, vellas e acetylene.
- Magnificos vasos e columnas de majelica.
- Tinas, lavatorios, esquentadores a gaz para aquecimento d'agua.
- Tubos de borracha e de lona.
- Tuipias, globos, abat-jours.
- Louça de ferro esmaltado.
- Objectos proprios para brindes.
- Pertences para o acetylene.
- Apparelhos de retretes, bidets, etc.

21, 23, L. de S. Domingos, 23, 24
(Todo o prédio)
Lisboa

JOIAS

ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, cauteilas do Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

Objectos de ouro e prata com a marca da lei

GRANDE ab timento em todos o- ob ectos Relogios reguladores com despertadores desde 600 réis até 120000. Ditos de algibeira em prata e aço desde 20000 até 95000. Ditos de ouro para senhora desde 60000 até 200000 réis. Correntes e cadidas só pelo peso e sem feito. Brincos de ouro desde 500 até 60000 Anéis desde 550 réis até 90000, etc. e muitos mais objectos com preço marcado. Só nesta casa se vende barato.

153, Rua da Palma, 155
(Junto à igreja do Soccorro)

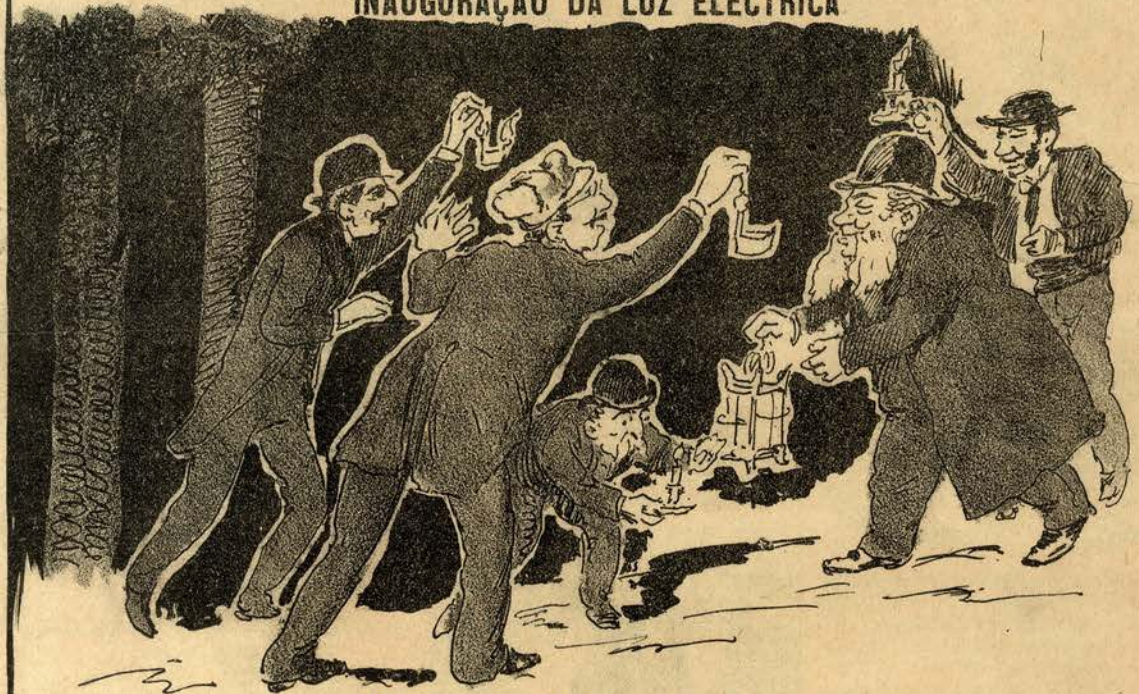
SAIAO MOZART
MONTE JONSEA
PIANOS
ORGÃOS

Instrumentos musicos
RUA IVENS-52
LISBOA

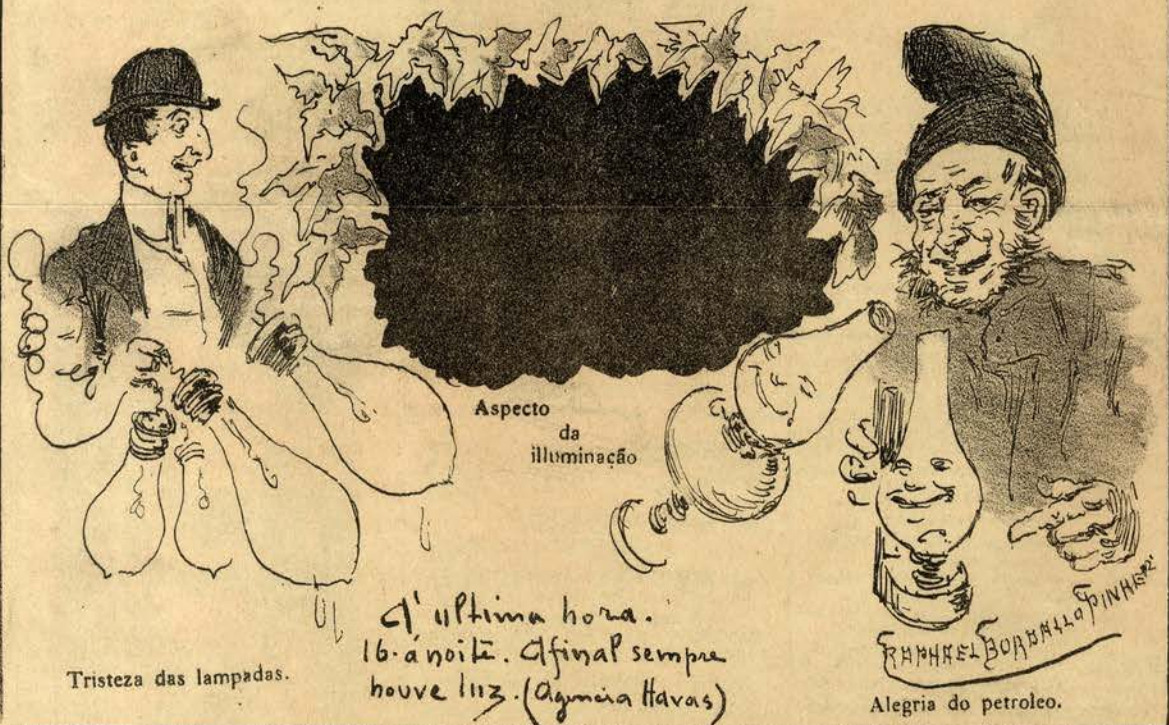
CALDAS DA RAINHA

15 de maio

INAUGURAÇÃO DA LUZ ELECTRICA



A' procura da luz electrica



Tristeza das lampadas.

A' ultima hora.
16.ª noite. Afinal sempre
houve luz. (Agencia Havas)

Alegria do petroleo.